Encontros Teológicos adere a uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

CASTILLO, José M. *Declínio da religião e futuro do evangelho*. São Paulo: Vozes, 2024. 207 p.

André Magalhães Coelho[*]

Recebido em: *10/09/2025*. Aceito em: *16/10/2025*.

A obra de José Maria Castillo, intitulada *"Declínio da Religião e Futuro do Evangelho"*, publicada pela Editora Vozes em 2024, tem como principal propósito analisar a maneira como a Igreja se fundiu e confundiu com a religião e o evangelho, ressaltando que a própria religião se opôs a Jesus, que foi perseguido e morto por líderes religiosos de sua época (o Sinédrio).

Estes perceberam que, se não eliminassem Jesus e seu Evangelho, este acabaria, por sua vez, com eles e com sua religião (Jo 11,47-53). Para Castillo, ao longo do tempo, a Igreja priorizou a religião em detrimento do Evangelho, resultando na desconexão atual entre ambos.

Para o autor, o seguimento de Jesus implica um despojamento de si mesmo e uma humanização nas relações interpessoais, e não uma mera obediência a dogmas intuicionais. A obra está organizada em uma apresentação e 55 capítulos, totalizando 207 páginas.

Castillo comenta que a confusão entre religião e Evangelho é tão profunda que uma considerável maioria de cristãos e pessoas religiosas acredita que a religião institucionalizada é um dos aspectos mais importantes do "ato religioso". Nesse contexto, essa maioria reconhece que um dos componentes desse "ato" é a leitura do Evangelho, acompanhada de

* Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pós-doutorado pela mesma instituição (UMESP). Pós-doutorando em Teologia pela PUC-SP. Pesquisador do Grupo de Estudos do Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP), bem como de Teologia e Cultura, Profecia e Sociedade (TCPS), ambos na PUC-SP. No momento se dedica a investigar a religião nos meios eletrônicos/mídias digitais, religiosidade/espiritualidade, política, filosofia contemporânea, (Neo)Pentecostalismos e a relação entre teologia e cultura. A partir de 2024: Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo. Atuou como Coordenador em cursos de Administração e Gestão de Recursos Humanos. Possui experiência no ensino superior nas modalidades presencial e à distância.

E-mail: magalhaescoelhoa@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1143-1407.

uma explicação (a homilia), na qual o sacerdote, enquanto profissional da religião, esclarece, interpreta e orienta os fiéis sobre como devem entender o conteúdo lido, geralmente enfatizando a necessária obediência aos preceitos religiosos (p. 13). No livro, o autor distingue claramente entre o que considera religião e a mensagem do Evangelho, onde a religião é vista como dogmas e ritos, e o Evangelho como um estilo de vida, ou uma forma de viver (p. 12).

A obra aborda que um aspecto evidente nos relatos evangélicos é o fato de que o Evangelho se confrontou, desde o início, com a religião. O resultado imediato desse embate foi a vitória da religião, que se manifestou de maneira contundente e brutal: foi a religião que matou Jesus.

Dessa forma, fica claro que a prática religiosa, cumprida aos mínimos detalhes, é incompatível com o Evangelho. Religião e Evangelho, quando levados à prática com a mais perfeita fidelidade, não podem coexistir, e menos ainda serem confundidos, como ocorreu ao longo de tantos séculos até hoje.

O livro discute que qualquer leitor que deseje compreender o que o Evangelho ensina logo perceberá que os quatro relatos que reúnem os evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) insistem repetidamente em três questões que interessam e preocupam todo ser humano: saúde, economia e relações humanas. Essa é a razão da ênfase nas curas dos enfermos e na preocupação em atender às necessidades dos pobres (p. 21). Muitos leitores dos quatro evangelhos, por exemplo, interpretam as curas como milagres que atestam a divindade de Jesus. Além disso, quando os relatos mencionam o dinheiro, aqueles que o possuem em abundância tendem a dar esmolas como um ato de caridade.

José Castillo destaca que três grandes temas ou pilares se sobressaem na vida de Jesus: saúde, dinheiro e amor. Essas são, de fato, questões fundamentais que, de uma forma ou de outra, interessam e preocupam a todos. O livro menciona que Jesus curava doenças, que eram vistas como consequências do pecado. Um exemplo impressionante é o relato do cego de nascença (Jo 9,2) e o perdão do paralítico (Mc 2,1-12). Essa associação entre doença e pecado trazia consequências negativas para o paciente, que, além de enfermo, era rotulado como pecador e, portanto, desprezado. Assim, era visto como um desafortunado (pela doença) e, além disso, uma pessoa má (pelo pecado) (p. 27).

A obra menciona que Jesus nasceu em condições inusitadas e, de certa forma, em um lugar indesejável para uma mãe dar à luz. O texto do Evangelho de Lucas (2,7) informa que Jesus nasceu em um *"kataly-ma"*. Com essa palavra, Lucas sublinha um fato curioso: o nascimento de Jesus não ocorreu em um espaço destinado à habitação humana, mas em um estábulo ou gruta, espaço que não condiz com a dignidade humana, pois sua mãe teve que colocá-lo em um presépio (*phatnê*). Esse foi o começo da vida de Jesus, que terminou de maneira degradante: como um "delinquente executado", um destino comum para criminosos e escravos. Portanto, Jesus nasceu pobre, viveu na pobreza e morreu na mais absoluta miséria (p. 30).

Castillo observa que, por razões históricas, a Igreja acabou se transformando em uma grande potência econômica. A obra ainda faz referência a Werner Sombart, que nos informa que, segundo L. B. Alberti, a ganância era um fenômeno comum entre a classe sacerdotal de seu tempo. Por isso, ao se referir ao Papa João XXIII, disse: "Ele tinha defeitos e, acima de tudo, como é sabido, o comum a quase todos os clérigos: era ganancioso em grau máximo, a ponto de tudo ao seu redor lhe parecer negociável, ou seja, 'vendável', ou subornável com dádivas. Em última análise, ambição e riqueza eram seu forte" (p. 33).

No livro, é mencionado que não é surpreendente que, anos mais tarde, os teólogos Antonino de Florença e Bernardo de Siena argumentassem e justificassem a fórmula básica e determinante do que mais tarde se tornaria o capitalismo: É proibido o empréstimo a juros, sob qualquer uma de suas formas; permite-se, em contrapartida, o benefício do capital de todas as formas. A obra de Castillo questiona se queremos realmente resolver o crescente desinteresse pelo Evangelho e pela religião, e uma das soluções é levar a sério o problema da economia.

No Evangelho, quando o tema é o dinheiro, duas palavras são predominantes: dinheiro (*chrèma*) e riqueza, expressas pelos termos *mamónas, ousía e ploûsios* (o rico). O Evangelho se preocupa mais com a riqueza do que com o dinheiro (p. 38).

Quanto ao dinheiro, é eloquente a proibição que Jesus impôs a seus apóstolos quando os enviou a evangelizar: "Não leveis nem ouro, nem prata, nem moedas de cobre" (Mt 10,9; Mc 6,8; Lc 9,3) (p. 35). Assim, a obra discorre sobre a riqueza que nos ilude e, quando justificada por motivos religiosos, nos engana ainda mais profundamente, fazendo-nos ver o dinheiro e a riqueza como meios necessários à prática do apostolado.

Dessa forma, o "rico apostólico" justifica sua riqueza com uma crença enganosa, que o leva a considerar a riqueza, o prestígio e as "dignidades" deste mundo como instrumentos indispensáveis para ser um "apóstolo do Evangelho". Castillo enfatiza que a riqueza engana, pois, ao ser justificada e até mesmo considerada necessária, o que realmente ocorre é um afastamento do Evangelho.

O livro ressalta que, com base nesse critério, a Igreja se vê cercada por catedrais, palácios episcopais, monumentos impressionantes, mosteiros, obras de arte e propriedades, sem contar o apego muitas vezes incondicional à política e aos políticos que apoiam, ajudam e favorecem a atuação da Igreja, independentemente das implicações dessa ajuda.

A obra enfatiza continuamente o seguimento de Jesus, referindo-se aos quatro evangelhos como o princípio de tudo e o fator determinante na relação dos primeiros discípulos com Jesus, que não foi a fé, mas o seguimento, sendo este o aspecto essencial. Para Castillo, a fé é a recompensa de algo, enquanto o seguimento é uma relação íntima e humanizada com Jesus.

Ao longo dos 55 capítulos, Castillo afirma que a Igreja transformou o Evangelho em uma religião. A obra discute que o crescente desafio enfrentado pela Igreja reside na tentativa de transmitir o Evangelho sob a perspectiva da religião, amalgamando a mensagem evangélica com normas e rituais que caracterizam a prática religiosa. A vida pública de Jesus, conforme narrada nos quatro evangelhos, foi dedicada a ensinar o caminho da bondade que nos leva ao Pai.

Contudo, isso não é tudo! Além desse ensinamento, o Evangelho retrata Jesus constantemente a serviço dos doentes e necessitados, de modo que sua trajetória foi marcada por conflitos, especialmente com líderes religiosos (sacerdotes e mestres da Lei), culminando em sua condenação, tortura, descredenciamento e execução como criminoso. Com o passar dos anos, a Igreja desejou – e ainda deseja – que sigamos o caminho que Jesus nos indicou (isto é, o Evangelho), mas sempre respeitando crenças, leis e rituais impostos pela religião (p. 142).

Para o autor, em segundo lugar, essa religião deve praticar o apostolado. Contudo, frequentemente, tanto a religião quanto o apostolado correm o risco de interpretar e justificar como "necessidades apostólicas" aquilo que, na realidade, são conveniências financeiras, anseios por prestígio e fama, ou interesses políticos e de outras ordens. Dessa

forma, podemos ser enganados por ideias, desejos ou comportamentos que chamamos de apostolado, mas que, na essência, são meras ambições humanas.

José Maria Castillo afirma em sua obra que, se considerarmos que a Igreja se constituiu e se organizou, em sua mais alta esfera, como um Estado (político) autônomo, que evidentemente necessita de recursos financeiros e boas relações de poder, fica claro que o Evangelho que Jesus viveu e ensinou não se encaixa nesse "triângulo" (p. 160). Ademais, nem o Evangelho se integra a esta Igreja, nem esta Igreja se alinha ao Evangelho. Castillo argumenta que, ao longo de sua história, a Igreja priorizou a religião e o poder clerical em detrimento do Evangelho e da vida humana. Para realmente seguir Jesus, a Igreja deve desapegar-se das riquezas e agir conforme os ensinamentos do Evangelho, ao invés de se prender às normas religiosas. Para o autor, os bons cristãos devem obedecer aos bispos, mas a fidelidade ao Evangelho é primordial. A relação com os apóstolos é mais do que submissão; é seguir o exemplo de Jesus.

A religiosidade muitas vezes surge de necessidades humanas, mas o progresso tecnológico não resolveu desigualdades e problemas globais, como as mudanças climáticas.

Castillo enfatiza que o declínio da religião nos países desenvolvidos contrasta com sua persistência em nações menos favorecidas, onde a insegurança econômica e psicológica intensifica a busca por crenças (p. 167).

O autor propõe uma crítica à religião institucionalizada, conduzida por agentes religiosos e fiéis guiados por ritos e dogmas. A contraproposta do livro é apresentar o seguimento de Jesus como uma apreciação do Evangelho e sua mensagem central, priorizando a relação com Deus revelada em Jesus. Como o próprio autor menciona no início da obra, o Evangelho prioriza a vida, ou seja, a vida vivida, em vez do engessamento da tradição. Trata-se de uma interpretação instigante, mas é essencial que o leitor se aproprie da obra com uma mente crítica.

José Maria Castillo nasceu em Granada, na Espanha, em 1929. Obteve seu doutorado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Lecionou em Granada, Roma e Madri, além de ter atuado como professor convidado em San Salvador. É o fundador e membro da Associação de Teólogos e Teólogas João XXIII, autor de diversas obras que discutem teologia e espiritualidade. Ele faleceu em 12 de novembro de 2023.